CASTRO ALVES
OS ESCRAVOS
POESIAS
BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

CASTRO ALVES

OS ESCRAVOS

POESIAS

MANAOS

IMP. NA TYP. DO «COMMERCIO DO AMAZONAS».

Sebastião Gomes de Lima
7/9/1909

A's Sociedades Abolicionistas de Manaos

Não podemos resistir ao desejo de concorrer com o nosso fraco esforço para a grande obra do progresso humanitario.

Cada um dá o que tem.

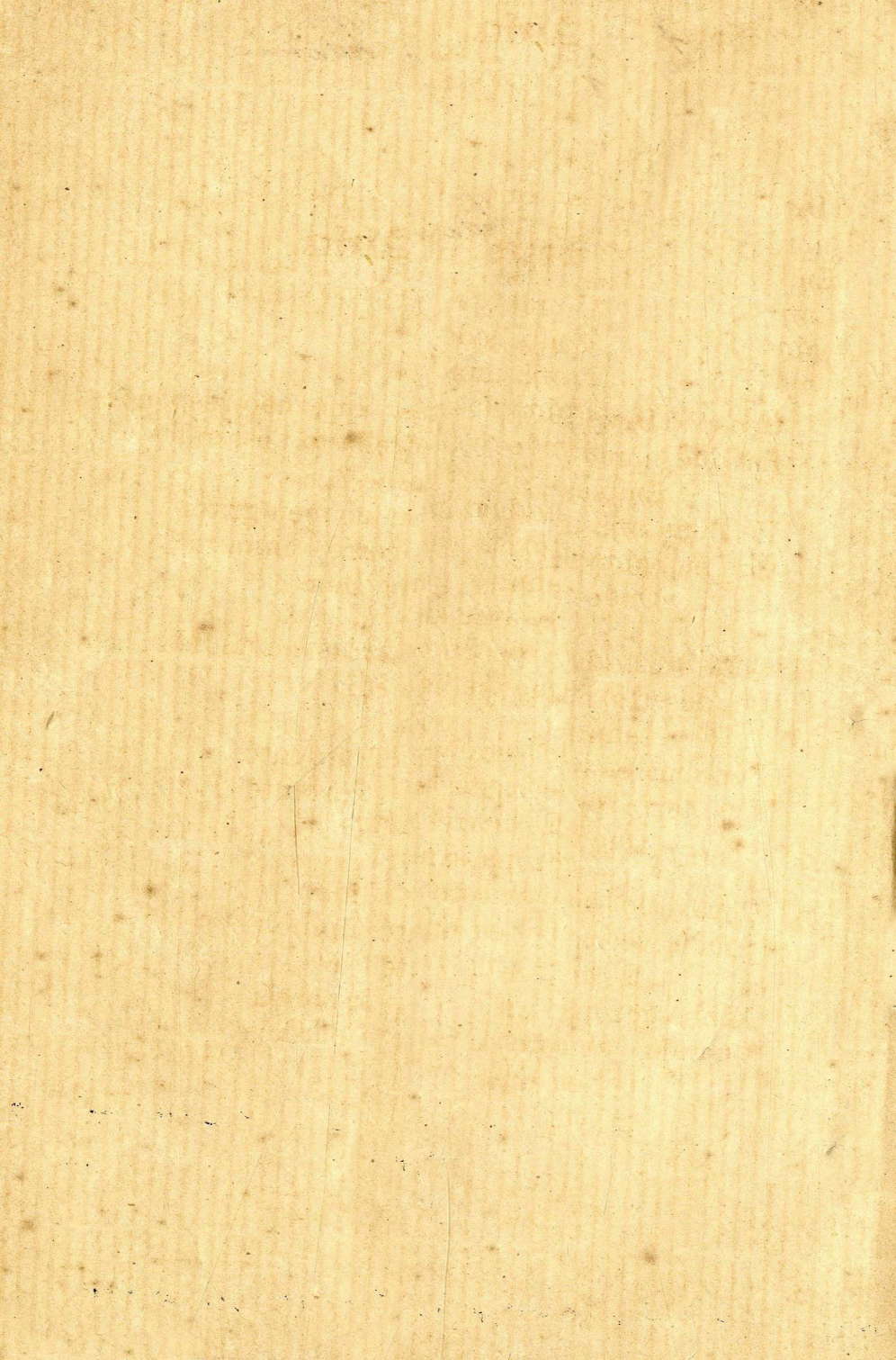
No gasophylacio do Augusto Templo da Liberdade vimos depositar tambem nosso obulo.

Queremos que o producto desse nosso trabalho typograhhico seja applicado em prol da libertação dos miseros captivos desta provincia.

Eis nossa offerenda, dignae-vos acceital-a e seremos contentes.

Manaos, 16 de Junho de 1884.

MANOEL URSULO UCHÔA.

AUGUSTO THOMÉ WANDERLEY.

Vozes d'Africa

Deus! ó Deus! onde estás, que não respondes!
Em que mundo, em qu'estrella tu t'escondes
Embuçado nos ceus?
Ha dous mil annos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?

Qual Prometheu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
Infinito galé!...
Por abutre—me déste o sol ardente!
E a terra de Suez—foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavallo estafado do Beduino
Sob a vergasta tomba resupino,
E morre no areial·
Minha garupa sangra, a dôr poreja,
Quando o chicote do *simoun* dardeja
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são bellas, são ditosas . . .
Dorme a Asia nas sombras voluptuosas
Dos *harens* do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elephantes
Embala-se coberta de brilhantes
Nas plagas do Indostão.

Por tenda—tem os cimos do Hymalaia . . .
O Ganges amoroso beija a praia.
Coberta de coraes . . .
A brisa de Mysora o ceu inflamma;
E ella dorme nos templos do deus Brahma,
Pagodes colossaes . . .

Europa—é sempre Europa, a gloriosa ! . . .
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortezã.
Artista—corta o marmor de Carrára ;
Poetisa—tange os hymnos de Ferrára,
No glorioso afan ! . . .

. . . .

Mas eu senhor ! . . . Eu triste, abandonada
Em meio dos desertos, esgarrada,
Perdida marcho em vão !
Se choro . . . bebe o pranto a areia ardente !
Talvez . . . p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
Não descubras no chão !

E nem tenho uma sombra na floresta,
Para cubrir-me, nem um templo resta
No sólo abrazador . . .
Quando subo as pyramides do Egypto,
Embalde aos quatro ceus, chorando, grito :
«Abriga-me, Senhor! . . .

Como o propheta em cinza a fronte envolve,
Vello a cabeça no areial que volve
O sirôco feroz . . .
Quando eu passo no Sahara amortalhada,
Ai! dizem : «Lá vae Africa embuçada
No seu branco alburnoz . . . »

Nem vêem que o deserto é meu sudario,
Que o silencio campeia solitario
Por sobre o peito meu.
Lá, no sólo onde o cardo apenas medra,
Boceja o Sphinge colossal de pedra,
Fitando o morno ceu.

De Thebas nas columnas derrocadas.
As cegonhas espiam, debruçadas,
O horisonte sem fim . . .
Onde branqueja a caravana errante
E o camello monotono, arquejante,
Que desce de Ephraim . . .

Não basta ainda de dôr, ó Deus terrivel ?!...
E' pois teu peito eterno, inexhaurivel
De vingança e rancor ?
E o que é que fiz, Senhor ?! que torvo crime
Eu commetti jámais, que assim me opprime
Teu gladio vingador ?!...

Foi depois do deluvio... Um viandante,
Negro, sombrio, pallido, arquejante,
Descia do Ararat...
E eu disse ao peregrino fulminado:
« Chan, serás meu esposo bem amado...
Serei tua Eloá... »

Desde este dia, o vento da desgraça
Por meus cabellos, ululando, passa
O anathema cruel;
As *tribus* erram do areial nas vagas,
E o *Nomada* faminto corta as plagas
No rapido corcel.

Vi a sciencia desertar do Egypto...
Vi meu povo seguir—Judeu maldito—
Trilho de perdição...
Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras d'Europa—arrebatada,
Amestrado falcão!...

Christo! embalde morreste sobre um monte...
Teu sangue não lavou da minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos—alimária do Universo...
Eu—pasto universal!

Hoje em meu sangue a America se nutre:
—Condôr, que trasformára-se em abutre,
Ave da escravidão.
Ella juntou-se ás mais... irmã traidora!
Qual de José os vís irmãos, outr'ora,
Venderam seu irmão!

Basta, Senhor! De teu potente braço
Róle atravéz dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!
Ha dous mil annos—eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!...

Tragedia no lar

Na senzala humida, estreita,
Brilha a chamma da candeia,
No sopé se esgueira o vento
E a luz da fogueira ateia.

Junto ao fogo, uma africana,
Sentada, o filho embalando,
Vae lentamente cantando
Uma tyranna indolente
Repassada de afflicção.
E o menino ri contente . . .
Mas treme e grita gelado
Se nas palhas do telhado
Ruge o vento do sertão.

Se o canto pára um momento,
Chora a creança imprudente . . .
Mas continúa a cantiga . . .
E ri sem vêr o tormento
D'aquelle amargo cantar.
Ai ! triste, que enchugas rindo

Os prantos que vão cahindo
Do fundo materno olhar,
E nas mãosinhas brilhantes
Agitas como diamantes
Os prantos do seu penar. . .
E a voz como um soluço lacerante
Continúa a cantar:

«Eu sou como a garça triste
«Que mora á beira do rio,
«As orvalhadas da noite
«Me fazem tremer de frio.

«Me fazem tremer de frio,
«Como os juncos da lagôa;
«Feliz da araponga errante
«Que é livre, que livre vôa.

«Que é livre, que livre vôa
«Para as bandas do seu ninho,
«E nas brahunas á tarde
«Canta longe do caminho.

«Canta longe do caminho
«Por onde o vaqueiro trilha,
«Se quer descançar as azas
«Tem a palmeira a baunilha.

«Tem a palmeira a baunilha,
«Tem-o brejo a lavadeira,
«Tem as campinas as flores,
«Tem a relva a trepadeira.

«Tem a relva a trepadeira,
«Todas tem os seus amores,
«Eu não tenho mãe nem filhos.»
«Nem irmão, nem lar, nem flores.»

A cantiga cessou. . . Vinha da estrada
A trote largo, linda cavalhada
Do estranho viajor.
Na porta da *fazenda* elles paravam,
Das mulas boleadas apeavam,
E batiam na porta do *senhor*.

Figuras pelo sol tisnadas, lubricas,
Sorrisos sensuaes, sinistro olhar,
Os bigodes retorcidos,
O cigarro a fumegar,
O *rebenque* prateado
Do pulso dependurado,
Largas chilenas luzidas
Que vão tinindo no chão,
E as garruchas embebidas
No bordado cinturão.

A porta da *fazenda* foi aberta ;
Entraram no salão.
Porque tremes, mulher? A noite é calma,
Um bulicio remoto agita a palma
Do vasto coqueiral,
Tem perolas o rio, a noite lumes,
A matta sombras, o sertão perfumes,
Murmurio o bananal.

Porque tremes, mulher ? que estranho crime,
Que remorso cruel assim te opprime
E te curva a cerviz ?
O que nas dobras do vestido occultas ?
E' um roubo talvez que ahi sepultas ?
E' seu filho. . . infeliz ! . . .

Ser mãe é um crime, ter um filho é um roubo !
Amal-o uma loucura ! Alma, de todo
Para ti—não ha luz.
Tens a noite no corpo, a noite n'alma,
Pedra que a humanidade piza calma,
Christo que verga á Cruz !

Na hyperbole de ousado cataclysma
Um dia Deus morreu . . . fusila um prisma
Do Calvario ao Thabor !

Viu-se então de Palmyra os petreos ossos,
De Babel o cadaver de destroços
Mais lividos de horror.

Era o relampejar da liberdade
Nas nuvens do chorar da humanidade,
Ou sarça do Sinai.
Relampagos que ferem de desmaios . . .
Revoluções, vós d'elle sois os raios,
Escravos, esperae !

Leitor, se não tens despreso
De vir descer ás senzalas,
Trocar tapetes e salas
Por um alcoice cruel,
Vem commigo, mas cuidado . . .
Que o teu vestido bordado
Não fique no chão manchado,
No chão do immundo bordel.

Não venhas tu que achas triste
As vezes a propria festa,
Tu, grande, que nunca ouviste
Senão gemidos da orchesta . . .
Porque despertar tu'alma,
Em sedas adormecida,
Esta escrescencia da vida
Que occultas com tanto esmero ?

E o coração tredo lodo,
Fezes d'amphora doirada,
Negra serpe que enraivada
Morde a cauda, morde o dorso,
E sangra ás vezes piedade,
E sangra as vezes remorso ?. . .

Não venham esses que negam
A esmola ao leproso, ao pobre.
A luva branca do nobre
Oh ! senhora não mancheis. . .
Os pés la pisam a lama,
Porem as frontes são puras,
Mas vós nas faces impuras,
Tendes lodo, e luz nos pés.

Vinde ver como rasgam-se as entranhas
De uma raça de novos Prometheus,
Ai ! vamos ver guilhotinadas almas
Da senzala nos vivos mausoleus.

« Escrava, dá-me teu filho !
Senhores, idel-o ver :
E' forte, de uma raça bem provada,
Havemos tudo fazer. »

Assim dizia o fazendeiro, rindo,
E agitava o chicote. . .
A mãe que ouvia
Immovel, pasma, douda, sem razão!
A' virgem santa pedia
Com prantos por oração;
E os olhos ao ar erguia
Que a voz não podia, não.

« Dá-me teu filho! » repetiu fremente
O senhor, de sobr'olho carregado.
—Impossivel!. . .
Que dizes, miseravel?!
—Perdão, senhor! perdão! meu filho dorme...
Inda ha pouco o embalei; pobre innocente,
Que nem sequer presente
Que ides. . .
Sim, que o vou vender!
Vender?!. . . Vender meu filho?!
Senhor, por piedade, não. . .
Vós sois bom. . . antes do peito
Me arranqueis o coração!

Por piedade, matae-me! E' impossivel
Que me roubem da vida o unico bem!
Apenas sabe rir. . . é tão pequeno!
Inda não sabe me chamar!. . . Tambem
Senhor, vós tendes filhos... que não tem?

Se alguem quizesse os vender
Havieis muito chorar,
Havieis muito gemer,
Dirieis a rir—perdão ?
Deixae meu filho . . . arrancae-me
Antes a alma e o coração !
—Cala-te, miseravel. Meus senhores,
O escravo podeis vêr . . .
E a mãe em pranto aos pés dos mercadores
Atirou-se a gemer.

«—Senhores ! basta a desgraça
«De não ter patria nem lar,
«De ter honra e ser vendida,
«De ter alma e nunca amar !

«Deixae á noute que chora
«Que espere ao menos a aurora,
«Ao ramo secco uma flor,
«Deixae o passaro ao ninho,
«Deixae á mãe o filhinho,
« Deixae á desgraça o amor.

«Meu filho é-me a sombra amiga
«N'este deserto cruel . . .
«Flor de innocencia e candura,
«Favo de amor e de mel !

«Seu riso é minha alvorada,
«Sua lagrima dourada
«Minha estrella, minha luz !
«E' da vida o unico brilho!
«Meu filho ! é mais. . . é meu filho
«Deixae-m'o em nome da cruz !. . .

Nada porem commove homens de pedra,
Sepulchros onde é morto o coração.
A creança do berço eil-os arrancam
Que os bracinhos estende e chora em vão!

Mudou-se a scena. Já vistes
Bramir na matta o jaguar,
E no furor desmedido
Saltar, raivando atrevido,
O ramo, o tronco estalar,
Morder os cães que o morderam. . .
De victima feito algoz,
Em sangue e horror envolvido,
Terrivel, bravo, feroz ?

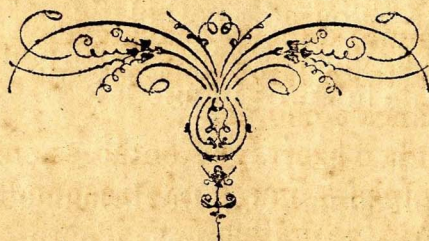
Assim a escrava da creança ao grito
Destimida saltou,
E a turba dos senhores atterrada
Ante ella recuou.

«Nem mais um passo, cobardes !
«Nem mais um passo, ladrões !
«Se os outros roubam as bolsas,
«Vós roubaes os corações!...

Entram tres negros possantes,
Brilham punhaes traiçoeiros...
Rolam por terra os primeiros
Da morte nas contorsões.

. . . .

Um momento depois a cavalgada
Levava a trote largo pela estrada
A creança a chorar.
Na fazenda o azorrague então se ouvia
E aos golpes—uma doida respondia
Com frio gargalhar!...

O NAVIO NEGREIRO

O NAVIO NEGREIRO

Tragedia no Mar.

I

'Stamos em pleno mar!... Doudo no espaço
Brinca o luar—dourada borboleta;
E as vagas após elle, correm... cançam
Como turbas de infantes inquieta!

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas d'ouro...
O mar em troca accende as ardentias,
—Constellação do liquido thesouro!...

'Stamos em pleno mar!... Dous infinitos
Alli se estreitam n'um abraço insano...
Azues, dourados, placidos, sublimes!
Qual dos dous é o ceu? Qual o oceano?

'Stamos em pleno mar... abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre á flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas!

Donde vem? onde vae? Das náos errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço!
N'este Sahara os corceis o pó levantam,
Galopam, vôam, mas não deixam traço!...

Bem feliz quem alli pode nest'hora
Sentir d'este painel a magestade!
Em baixo o mar... em cima o firmamento...
E no mar e no ceu —a immensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que musica suave ao longe sôa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando a tôa!

Homens do mar! O' rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Creanças que a procella acalentára
No berço d'estes pelagos profundos!

Esperae, esperae! Deixae que eu beba
Esta selvagem, livre poesia;
Orchestra—é o mar, que ruge pela prôa,
E o vento que nas cordas assobia!...

. . . .

Porque foges assim, barco ligeiro?
Porque foges do pavido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! aguia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as pennas, Leviatan do espaço!
Albatroz! Albatroz! dá-me estas azas!

II

Desce do espaço immenso, ó aguia do oceano!
Desce mais... ainda mais... não póde olhar humano,
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu ahi?! que quadro de amarguras!
Que funereo cantar!.. que tétricas figuras!
Que scena infame e vil, meu Deus! meu Deus, que horror!

III

Era um sonho dantesco!... o tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar!...
Tinir de ferros, estalar do açoute...
Legiões de homens negros como a noute,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo ás têtas
Magras creanças, cujas boccas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ancia e magoa vãs!

E ri-se a orchestra ironica e estridente...
E da ronda phantastica a serpente
Faz doudas espiraes...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos, o chicote estala...
E vôam mais e mais!...

Presa nos élos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança alli!

Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martyrios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E apoz fitando o ceu, que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
«Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei os mais dansar!... »

E ri-se a orchestra ironica, estridente!...
E da ronda phantastica a serpente
Faz doudas espiraes...
Qual n'um sonho dantesco as sombras vôam!...
Gritos, ais, maldições, preces resoam!...
E ri-se Satanaz!

IV

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós Senhor Deus,
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céus!?
O' mar, porque não apagas

Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão ?
Astros ! noites ! tempestades !
Rolai das immensidades !
Varrei os mares, tufão !. . .

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar ?
Ama a cadencia do verso
Que lhe ensina o velho mar,
Cantai ! que a morte é divina !
Resvala o brigue á bolina
Como golphinho veloz.
Presa ao mastro da mesena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após !

Do hespanhol as cantilenas,
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor !
Da Italia o filho indolente
Canta Veneza dormente,
—Terra de amor e traição,
Ou do golpho no regaço
Relembra os versos de Tasso
Junto ás lavas do vulcão !

O inglez—marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entôa patrias glorias,
Lembrando, orgulhoso, historias
De Nelson e de Aboukir. . .
O francez—predestinado—
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros helenos,
Que a vaga Ionia creou,
Bellos piratas morenos
Do mar—que Ulysses cortou;
Homens--que Phydias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos—que Homero gemeu!. . .
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do ceu!. . .

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a furia do algoz?
Quem são? Se a estrella se cala,

Se a vaga oppressa resvala
Como um cumplice fugaz,
Perante a noute confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa liberrima,—audaz!...

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz,
Onde vive em campo aberto
A tribu dos homens nús,
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão!...
Hontem simples, fortes, bravos...
Hoje miseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão!...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi tambem.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe, vem!
Trazendo, com tibios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma—lagrimas e fel...
Como Agar soffrendo tanto,
Que nem o leite do pranto
Tem que dar para Ismael.

Lá. . . nas areias infindas,
Das palmeiras no paiz,
Nasceram—crenças lindas,
Viveram—moças gentis. . .
Passa um dia a caravana
Quando a virgem na cabana
Scisma da noute nos véus. . .
Adeus, ó choça do monte,
Adeus, palmeiras da fonte,
Adeus, amores. . . adeus. . .

Depois, o areial extenso.
Depois. . . o oceano de pó.
Depois—no horisonte immenso
Desertos. . . desertos só.
E a fome, o cançaço, a sêde,
Ai! quanto infeliz que céde,
E cae para não mais s'erguer,
Vaga um logar na cadeia,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer.

Hontem—a Serra a Leôa,
A guerra, a caça ao leão,
O sommo dormido a tôa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje. . . o porão negro fundo,

Infecto, apertado, immundo,
Tendo a peste por jaguar. . .
E o somno sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar.

Hontem—plena liberdade,
A vontade por poder. . .
Hoje. . . cum'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer. . .
Prende-os a mesma corrente
Terrea, lugubre serpente,
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lugubre cohorte
Ao som do açoute. . . Irrisão !. . .

Senhor Deus dos desgraçados !
Dizei-me vós, senhor Deus,
Se é mentira. . . se é verdade
Tanto horror perante os ceus ?!. . .
O' mar, porque não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão ?
Astros ! noutes ! tempestades !
Rolae das immensidades!
Varrei os mares tufão !

V

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infamia e cobardia . . . !
E deixa-a transformar-se n'essa festa
Em manto impuro de bachante fria ! . . .
Meu Deus ! meu Deus ! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gavea tripudia ?
Silencio, Musa . . . chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto !

Auri-verde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brazil beija e balança,
Estandarte que á luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança . . .
Tu que da liberdade apoz a guerra
Foste hasteado dos heróes na lança,
Antes te houvessem roto na batalha
Que servires a um povo de mortalha !

Fatalidade atroz que a mente esmaga !
Extingue n'esta hora o brigue immundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas
Como um iris no pélago profundo !
Mas é infamia de mais ! . . Da etherea plaga
Levantai-vos, heróes do Novo Mundo !
Andrada ! arranca esse pendão dos ares !
Colombo ! fecha a porta dos teus mares !

FIM.